

A LIBERDADE

n.º7 | Miniatura litteraria | anno I

Barcellos, 25 de outubro de 1885.

O JESUITA

I

Largas tiras de luz perpassam pelo ceu
Bordando-o de listrões phantasticos de sangue;
A terra adormecida, a grande massa exangue,
Envolve-a tenebroso e mortuario veu.

Pelos montes acorda o vento, a sibilar,
A solitaria voz dos eccos socegados
E dos fundos vulcões os olhos desvairados
Mil lagrimas de fogo atiram para o ar.

Os rios, trasbordando, alagam as campinas,
Da velhas capitaes restam montões de ruinas,
Arrebenta do mar a alma enorme, afflicta.

Do triste incesto, então, da Raiva e do Peccado
Aborta horrivel monstro, um monstro ensan-
guentado,
Um feroz Anti-Christo, — o padre jesuita.

I I

Aborta e logo, infante, esten le as unhas vís,
Cravando-as com furor em peitos valorosos,
Transforma a paz em guerra, e os astros glo-
riosos
Não lhe illuminam nunca os hórridos covís.

Ao Progresso e á Sciencia oppõe trevas hostis,
Corrompe á Virgindade os seios generosos,
Põe acima do Bem os feitos criminosos
E atira á Liberdade os ferros mais servis.

Assim caminha sempre, avassallando o mundo,
Deixando a cada passo espalhadas bem fundo
A Crápula, a Traição, a Covardia e o Mal.

Mas leva no seu rasto, a vigiar-lhe o peito
Os olhos da Justiça, as almas do Direito :
— Tanucci, d' Aranda, kaunitz, Choiseul,
Pombal.

I I I

Depois, aniquilado ao sopro vingador
Da Razão e do Bem, o monstro, sem denodo,
Encolhe as garras, cae n'um pantano de lodo,
Tendo a velar-lhe o somno o Remorso e o
Terror.

Soergue-se de novo e, abrindo, altivo, o olhar,
Ruge como um leão raivoso, — e deshumano
Afia as garras vís, ampara o Vaticano,
Beija na face os reis, e quer lutar . . . lutar.

Mas que luta, que horror! Na treva agrilhado
Intimida-o a lembrança escura do Passado
E cega-o do futuro a deslumbrante luz.

Presente o desabar dos thronos e da egreja
E, ultima vingança! energico forceja
Por, antes de morrer, assassinar Jesus!

Ernesto Pires.

PROSA DIALOGADA

Republica.—Papagaio real, morra o rei de Portugal!

Papagaio.—O' rei, ó rei, ó rei, ó... r..e..i..

Rep.—O' Papagaio não chames pelo rei. Olha, queres que te quebre a corrente para teres liberdade?

Pap.—Ai, ai, ai, quero, quero.

Rep.—E diz-me, quem está no paço com o teu real senhor?

Pap.—Tantos homens... tantas aves negras... ui...!

Rep.—Ah!... E como se chamam esses homens, essas aves negras?

Pap.—Farricocos...farricocos... farricocos... farricocos...

Rep.—Ah!... são farricocos?!

Pap.—São, são. Olha, então não me soltas?

Rep.—Solto. Dá cá o pé meu louro; dá cá o pé; ólha:

—Papagaio real,
Foge de Portugal,
Que se vêm os farricocos:
Tiram-te o manto real.

Pap.—O' menina, corra... corra... que ahí vem o r...e...i... Corra... corra... que o Papagaio real também foge de Portugal!

Cal.